

# CAMMIE



*Gretchen Frank*

# CAMMIE

*Não havia nome para a sua doença, mas alguma coisa tinha feito essa menina de sete anos se recolher a um mundo seu, silencioso e autodestruidor.*

*Ao tentar penetrar êsse mundo, uma jovem universitária aprendeu muito sôbre os métodos científicos, mas aprendeu mais ainda sôbre o coração humano.*



**N**O VERÃO QUE se seguiu ao meu primeiro ano na universidade, conheci o amor. Mas não havia idas ao cinema, passeios na praia, nem trocas de sussurros. Não era essa espécie de amor.

Passei a maior parte do meu verão com uma garotinha de sete anos. Era uma menina extraordinariamente bonita, com cabelos dourados e olhos verde-claros dominando um rosto fino. Os olhos estavam habitualmente focalizados na distância, em algum lugar de um mundo só seu, e o rosto delicado era cheio de contusões e cicatrizes. Nós nos conhecemos na Escola do Vale do Sol, em Phoenix, no Estado do Arizona, instituição para retardados mentais. E Cammie demonstrava um único interêsse na vida: destruir-se.

Fui contratada como uma pequena peça da engrenagem de um projeto de pesquisa chefiado pelo Dr. Lee Meyerson, psicólogo da Universidade do Estado do Arizona. Sua pesquisa concentrava-se principalmente na reabilitação pela modificação do comportamento e suas técnicas diferiam radicalmente da psicoterapia tradicional. Ele não se preocupava com as razões pelas quais a pessoa perturbada agia como agia, empenhando-se simplesmente em modificar a ação em si. O interêsse não estava na motivação e sim no comportamento—nas coisas que podiam ser observadas e investigadas e, possivelmente, melhoradas.

Em minha primeira manhã no

emprego, o Dr. Meyerson apresentou-me aos estudantes pós-graduados que constituíam sua equipe e depois explicou as minhas funções. Naquele verão, revelou-me, eu deveria trabalhar principalmente com uma criança. Meu entusiasmo esfriou, pois eu decididamente não desejava passar dois meses servindo de babá particular. O Dr. Meyerson deve ter sentido minha preocupação, pois imediatamente sugeriu que fôssemos ver Cammie.

Nunca esquecerei aquêlê primeiro encontro; eu não estava absolutamente preparada para o que vi. Para chegar ao dormitório de Cammie, caminhamos sob o calor do meio-dia, no qual predominavam os cheiros de terra ressequida pelo Sol e grama queimada. Quando empurramos a porta da entrada do edifício, um nôvo cheiro nos acolheu. Era um cheiro institucional, uma combinação de desinfetante, fraldas e sabão. Ainda hoje, ao sentir um cheiro assim, torno a viver aquêlê momento em que fiquei parada à porta, procurando Cammie. Ela estava no outro extremo do dormitório, num espaço livre além de longa fileira de camas.

—Pronto—disse o Dr. Meyerson com um gesto.—Aí está a sua menina.

Cammie estava amarrada a uma pequena cadeira de rodas encostada a uma coluna. A correia que a prendia pela cintura passava também em tórno da coluna. Tinha os braços presos numa camisa-de-fôrça e quase

não pude ver-lhe o rosto porque usava capacete e máscara protetores. Mesmo assim, eu pude notar que a característica física mais impressionante era sua extrema magreza. Com sete anos de idade, ela pesava apenas 13 quilos e meio.

A criança estava alheia ao que ocorria no ambiente. Quando nos aproximamos de sua cadeira, ela não pareceu notar, continuando sentada imóvel, com a cabeça caída para trás, o olhar vazio fixo no espaço. Pareceu-me estar vendo apenas o frágil invólucro de uma menina, pálido e imóvel como um fantasma ou uma recordação. Tive vontade de estender a mão e tocá-la para sentir o calor de sua pele e me certificar de que estava realmente viva.

O que aconteceu em seguida foi tão rápido que eu nunca soube como começou. O Dr. Meyerson afrouxou a correia que firmava o capacete e a máscara protetores e retirou-os. Súbitamente, Cammie começou a gritar furiosamente. Batia com a cabeça contra as costas da cadeira e dava pontapés furiosos em quem quer que chegasse perto. Batia os joelhos os-sudos violentamente um contra o outro, e eu pude ver que a parte interna de ambos apresentava feias equimoses.

Quando lhe olhei o rosto, com os enormes olhos verdes revirados, senti vontade de afastar-me dali. Era um desses momentos em que a realidade se exhibe com tal violência que se torna insuportável. Cammie tinha o cabelo muito ralo, pois o constante

roçar e bater da cabeça não o deixava crescer. As maçãs do rosto e o queixo apresentavam equimoses escuras e tinha a testa horrivelmente marcada pelos ferimentos que ela se infligia. Ao vê-la, devo confessar que senti muito pouca compaixão. Ela não me parecia uma menina e sim um animal selvagem saído de uma jaula. Eu certamente não falava sua linguagem.

### Em Busca de Reação

QUANDO voltamos ao gabinete do Dr. Meyerson, êle me explicou o caso de Cammie. Há dois tipos diferentes de retardamento mental: o orgânico e o funcional. Os defeitos orgânicos, que podem ser hereditários ou resultado de doenças ou acidentes, algumas vezes determinam limites bem definidos no desenvolvimento mental de uma criança. Mas o retardamento de Cammie era funcional, pois não havia qualquer explicação fisiológica aparente. Além de "retardada", outros têrmos lhe tinham sido aplicados—autista, esquizofrênica e até psicótica—mas eram apenas rótulos. O fato é que Cammie era uma criança gravemente perturbada e ninguém sabia por quê.

Seu ambiente inicial não oferecia qualquer pista evidente para a solução do mistério. O pai era pastor protestante e seus três irmãos eram normais. Ela nunca demonstrara interêsse por brinquedos nem por outras crianças e sua fala não era normal. Seus pais não conseguiam

lembrar-se de qualquer conjunto de acontecimentos que pudessem explicar por que sua única filha descambara para um mundo silencioso todo seu. Mas para um psicólogo behaviorista a compreensão do comportamento indesejável não é tão importante como tentar eliminá-lo.

Portanto, minha tarefa era apenas fazer amizade. Se eu conseguisse penetrar no mundo distante e ameaçador de Cammie, se conseguisse extrair de sua mente distorcida um pouco de afeto e confiança, poderia contribuir de forma decisiva para oferecer ao Dr. Meyerson um ponto de partida para um programa sistemático de modificação de comportamento.

E assim começou.

A princípio tive de aprender a lidar com Cammie, pois ela era incrivelmente forte e surpreendentemente inventiva nas maneiras de ferir-se. Se eu deixasse sua mão escapar da minha por um segundo, ela voava a atacar seu rosto. Se eu não a segurava firmemente ao atravessarmos uma porta, ela chocava a cabeça contra o batente. Mas depois de alguns dias estabelecemos uma rotina pacífica.

Eu chegava cedo tôdas as manhãs, de modo que, quando Cammie acordava, eu estava junto dela; não sei por que, eu achava que isso era importante. Todos os dias depois do café eu a levava a passear com as mãos firmemente seguras nas minhas. Algumas das pessoas que passavam por nós diariamente a caminho do

trabalho começaram a sorrir e acenar para nós. Eu respondia ao sorriso, mas não ao aceno, pois não podia soltar as mãos de Cammie. Caminhávamos mais de uma hora diariamente, descendo a rua, dando volta ao quarteirão e regressando à escola.

Enquanto passeávamos, eu falava com Cammie o tempo todo. Falava sobre tudo e sobre nada—realmente não fazia diferença, pois ela parecia não ouvir nada. Olhando fixamente para a frente, Cammie andava sem parar, desajeitadamente, com as pernas meio rígidas e nas pontas dos pés. Mas algo me fazia pensar que eu não estava falando sozinho. De vez em quando eu afrouxava a mão e sentia que a mão dela estava agarrada à minha. Também comecei a sentir que ela se inclinava para a frente e andava mais rapidamente quando nos aproximávamos do local em que deixávamos o terreno da escola e atravessávamos a rua.

Além das caminhadas, a única coisa que eu pude fazer com Cammie durante os primeiros dias foi abraçá-la—e era isso que eu fazia durante a maior parte do dia. Ela se sentava no meu colo, mas apenas de uma certa maneira. Sentava-se de costas para mim, mas encostava a cabeça no meu ombro, puxando as minhas mãos, que seguravam as dela em posição cruzada à sua frente. E seu semblante adquiria aquêle estranho olhar fixo e distante.

Ficávamos sentadas assim durante horas seguidas, até que eu sentia os braços doloridos, de estar com êles

cruzados diante dela na mesma posição, e as pernas dormentes. Eu a abraçava e tocava, e falava e cantava constantemente. Queria que ela se acostumassem ao meu som, ao meu cheiro e ao meu contato. E chegou um momento—não sei quando, antes mesmo do primeiro vislumbre de reação dela—em que eu soube que, junto com minha vontade de simplesmente não fracassar em minha tarefa, eu queria desesperadamente que Cammie me desse uma oportunidade. Esperava cada dia pelo primeiro maravilhoso momento em que ela realmente estabelecesse contato visual com outra pessoa. Esperava com ansiedade por esse momento em parte porque isso seria uma importante prova de que ela estaria pronta para comunicar-se com o mundo exterior—mas também porque, quando isso acontecesse, Cammie estaria olhando para *mim!*

Os estudantes faziam piada, dizendo que eu tinha sido conquistada pela minha paciente.

### Pequenos Milagres

APÓS DUAS semanas, eu senti que havia feito progressos. Nenhum dos grandes milagres que eu esperava se havia realizado, mas quando a gente trabalha com uma criança como Cammie começa a procurar os menores milagres.

Os esforços para interessá-la em vários brinquedos foram um fracasso total; mas quando o Dr. Meyerson sugeriu que ela talvez gostasse de brincar na água, acertou em cheio.

No princípio, quando experimentamos, ela tentou bater com a cabeça na banheira. Contudo, eu descobri que ela na verdade patinhava na água se alguém segurasse suas mãos frouxamente. Saímos para o ar livre, onde podíamos brincar com uma mangueira e uma pequena piscina de plástico. Regressei da primeira dessas aventuras completamente ensopada, mas triunfante! Ela adquirira bastante vivacidade ao brincar na piscina e naquele dia, pela primeira vez, seus olhos realmente se encontraram com os meus. Foi apenas por um instante, mas era um comêço.

As mudanças que começávamos a notar em Cammie eram diminutas, mas significavam muito. Tornaram possível ao Dr. Meyerson começar a lidar com ela pessoalmente, e êle me explicou o que seria feito. Eu continuaria no meu papel como elemento constante e tranqüilizador do seu ambiente, mas seriam igualmente introduzidas certas técnicas de condicionamento. O primeiro passo importante era descobrir algum estímulo bastante forte para motivar Cammie a empreender ação positiva em vez de negativa. Se pudéssemos encontrar algo que constituísse para ela atração ou interêsse suficiente . . .

A primeira tentativa foi a gravação de um batimento de coração. Quando Cammie ficava perturbada e violenta, eu a tomava no colo e o disco era tocado. Cada vez que isso acontecia, ela se tranqüilizava em relativamente pouco tempo. Surgiu, porém, a pergunta óbvia: o efeito

calmante será das batidas do coração ou será da satisfação de estar sentada no meu colo?

Numa tentativa de encontrar a resposta para essa pergunta, ligamos a gravação a um botão que a fazia parar e tocar e mostramos a Cammie como funcionava. A idéia era que ela mesma apertaria o botão se realmente desejasse ouvir o bater do coração. A idéia era boa, mas não funcionava, pois Cammie nunca apertou o botão, embora sempre se tranqüilizasse quando a gravação era tocada.

O mesmo processo foi repetido com música clássica e com *rock'n'roll*, com resultados igualmente inconclusivos. De qualquer modo, nessa altura seus acessos eram mais brandos e menos freqüentes e sempre terminavam quando eu a abraçava, de modo que era impossível determinar o efeito da música.

Sendo Cammie completamente indiferente a alimentos (de qualquer maneira era alérgica a quase tudo), doces ou outras guloseimas estavam automaticamente eliminados como incentivo. Por conseguinte, depois de gastar dias preciosos em busca de uma recompensa para Cammie, as alternativas se reduziram a uma: *eu!*

O projeto seguinte era descobrir se o seu comportamento autodestrutivo era um padrão de "maus hábitos" aprendidos ou se ela o utilizava simplesmente para fazer o que queria. O plano era criar uma situação tal que Cammie pudesse bater-se sem qualquer possibilidade de ma-

chucar-se. Se o comportamento dependesse da atenção que isso chamava sobre ela, talvez sem a atenção ela parasse de bater-se.

Foi preparado um cubículo muito pequeno, inteiramente forrado de grossas almofadas de espuma de borracha, de modo que parecia uma bolsa profunda e macia. Cammie não usaria o capacete no cubículo, embora suas mãos fôssem imobilizadas, encerradas em grandes blocos de espuma presos nos pulsos.

Tudo foi feito tão às pressas que a experiência foi mal controlada. Quando Cammie foi deixada cair por cima da parede dentro da bolsa, o Dr. Meyerson filmou-a do alto de uma escada, enquanto os estudantes se acotovelavam para subir e dar uma espiada. Enquanto isso, eu fiquei sentada num canto da sala, tentando não ouvir os gritos de Cammie. As condições estavam longe de ideais, pois, embora ninguém a impedisse de martirizar-se, ela estava consciente de nossa presença.

Foram feitas cinco experiências de cinco minutos cada uma, registrando-se o número de vezes que ela batia com a cabeça em cada período. Uma segunda pessoa registrava todos os outros atos de autodestruição e eu apenas fazia uma observação geral. Percebi imediatamente que, pela primeira vez, Cammie não estava apenas gritando de raiva. Estava realmente chorando e derramando lágrimas. O número de batidas diminuiu em cada período de cinco minutos, sendo substituídas por outras

ações que não eram impedidas pela espuma de borracha. Ela batia os joelhos um no outro e batia com o queixo contra o ombro. Todos acharam que êsse teste grosseiro, embora inadequado, tivera sucesso bastante para justificar sua repetição em circunstâncias mais bem controladas, isto é, num compartimento totalmente acolchoado e à prova de som.

Quando Cammie foi tirada do cubículo após a sessão e colocada no meu colo, não havia dúvida que eu necessitava tanto de abraçá-la quanto ela de ser abraçada. Ao sentir seu corpo trêmulo contra o meu, vibrei com a fôrça da emoção que surgia dentro de mim. Olhando seu rosto—que às vêzes parecia curiosamente maduro e sábio, com manchas escuras sob os olhos—eu tive a sensação de que ela compreendia quanto nós estávamos ligadas uma à outra e quanto o meu amor por ela me havia tornado estranhamente dependente. Por um instante aterrador ela parecia ter-me arrastado para o *seu* mundo e saber quanto eu era vulnerável.

### Experiência Controlada

DURANTE OS vários dias que se seguiram, preparamos uma elaborada sala de experiências para Cammie. Completamente acolchoada, tinha uma janela com vidro que permitia visão apenas de um lado e, no lado mais afastado, um grande espelho onde Cammie poderia ser vista caso se afastasse do campo de visão direta da câmara cinematográfica e do observador. Som especial poderia ser

canalizado para dentro da cela a fim de abafar todos os sons de fora e foi preparado um computador para registrar as várias ações autodestruidoras de Cammie. Havia uma tecla para cada espécie de autodestruição—bater com a cabeça, chocar os joelhos, etc.—e cada tecla era manejada por um observador. Cada vez que o observador apertava sua tecla, incluía essa reação específica no gráfico geral.

Enquanto isso, eu passava cada vez mais tempo com Cammie, e finalmente isso começou a compensar. A lista de pequenos milagres começou a crescer. Ela já respondia ao ser chamada pelo nome, não verbalmente, mas por meio de algum movimento que demonstrava consciência. Pela primeira vez ela se sentou no meu colo de frente para mim e começaram a aumentar os períodos em que seus olhos se fixavam nos meus. Uma manhã, quando eu a havia despertado e desamarrado suas mãos e pés, ela sentou-se na cama e encostou seu rosto no meu. Mais tarde, nessa mesma manhã, durante nosso passeio, eu lhe ofereci uma flor colhida de um arbusto, como tinha feito inúmeras vêzes anteriormente. Mas desta vez ela realmente olhou a flor e tomou-a na mão. Eram pequeninas coisas, mas indicavam que Cammie estava regressando ao mundo.

Depois de estar com ela tanto tempo, cheguei à conclusão de que ela não *queria* bater-se, mas que também não queria assumir a responsabilidade



de não se bater. Ela dependia de alguma outra pessoa para fazer isso. Às vezes parecia quase aliviada quando voltava a ser manietada e amarrada após um longo período de liberdade. Se eu propositadamente lhe soltava a mão, ela ficava muito zangada, quase como se eu a estivesse traindo. Quando eu soltava sua mão para ver se se batia quando estava no meu colo, ela não o fazia. Em vez disso, procurava minha mão para nela prender a sua, como se dissesse: "Não deixe que eu faça isso."

Às 10h 30m de uma manhã, nós finalmente colocamos Cammie no aposento recentemente concluído. Para a primeira sessão havíamos apenas planejado observar seu comportamento, a fim de estabelecer o que é chamado a linha de base. Quando tivéssemos isso, saberíamos exatamente com que teríamos de lidar.

Ela não gritou nem chorou. Apenas se dirigiu para um canto do aposento e começou a dar cabeçadas na parede acolchoada. Durante os primeiros cinco minutos, deu mais de 700 cabeçadas, aumentando o ritmo durante o segundo período de cinco minutos. A pena que riscava o gráfico, marcando com um salto para cima cada vez que ela batia com a cabeça, rabiscava uma fileira metódica de linhas praticamente verticais. Eu estava aturdida e febril—em parte devido ao meu intenso desapontamento e em parte de raiva porque desejava que o Dr. Meyerson corresse para dentro do aposento e interrompesse as batidas. Mas o mé-

dico filmava tranqüilamente a paciente através da janela que permitia a visão apenas de fora para dentro.

Finalmente, não agüentando mais, implorei-lhe:

—Por que o senhor não a faz parar?

Nesse momento, um dos estudantes graduados virou-se para mim irritado e disse:

—Não atrapalhe; se não pode comportar-se como pessoa adulta, vá para casa.

Eu fiquei.

Durante o sexto período de cinco minutos, Cammie começou a tentar retirar os acolchoados das mãos. Depois distraiu-se tentando remover as meias com os pés. Enquanto estêve assim ocupada, o ritmo das cabeçadas diminuiu muito e passaram-se 20 segundos sem qualquer gesto autodestruidor. Embora o lapso fôsse causado por outras variáveis, um período de 20 segundos de calma foi considerado bom para terminar a sessão e retirá-la do quarto. Abri a porta e ela correu para os meus braços.

Durante a hora que se seguiu, enquanto os outros discutiam sentados no gabinete as implicações do que ocorrera, eu fiquei do lado de fora lutando com as emoções contraditórias que me invadiam. Mais do que tudo no mundo eu desejava que Cammie ficasse boa, e acreditava que já era tempo de os métodos científicos comprovados fazerem isso acontecer. Ela já havia mudado imensamente e eu estava pronta a aceitar o fato de que talvez meus

métodos empíricos houvessem feito por ela tudo o que poderiam fazer.

Mas naquele momento eu não era uma cientista. Era uma môça, talvez pela primeira vez em minha vida uma mulher, que segurava nos braços uma criança em apuros. E, de uma estranha e grotesca maneira, era uma criança que, no meu espírito, eu tinha dado à luz. Seu corpo tremia de exaustão e, enquanto ela escondia o rosto no meu pescoço, eu me senti enternecer sob o pêso de sua fé e de meu amor.

Subitamente odiei o Dr. Meyerson, odiei a sala acolchoada, odiei a psicologia behaviorista e tudo o que ela representava. Num lampejo veio à memória um verso de um poema de Robert Creeley: "Nunca faças nada por ninguém e escaparás à tragédia das relações humanas." Desejei nunca ter ouvido falar de Cammie e de sua dor. Era um verão dourado, e eu tinha 18 anos. Eu merecia ser jovem, despreocupada e feliz. Mas era tarde demais.

### Compromisso com a Ciência

LEVEI Cammie de volta ao seu dormitório e juntei-me aos outros no gabinete. O Dr. Meyerson disse-me que haviam concordado em um plano experimental, mas que desejava ouvir quaisquer possíveis comentários que eu tivesse a fazer. Tinha confiança em que Cammie não se machucaria no nôvo quarto e, portanto, ela seria deixada nêle até atingir um minuto inteiro sem atividades autodestrutivas. Seria reti-

rada apenas para almoçar, para tomar líquidos e para trocar de roupa, a intervalos fixos.

O Dr. Meyerson estava perfeitamente ciente de que poderia levar até duas semanas, 8 a 12 horas por dia, até que ocorresse um minuto sem ação autodestrutiva. Mas tinha também certeza de que com o tempo êsse objetivo seria atingido, mesmo que fôsse apenas pela exaustão total de Cammie. Depois disso, ela seria imediatamente recompensada, e êsse processo se repetiria seguidamente até que seu comportamento autodestruidor fôsse eliminado.

Eu sabia que todos na sala estavam esperando cortêsmente pela minha aprovação a fim de cada um poder correr de volta aos seus afazeres. Inicialmente, eu disse que me parecia boa idéia e que eu achava que daria resultado. Mas então meus olhos ficaram cheios de lágrimas e, sem que eu pudesse controlar o que estava dizendo, os pensamentos que enchiam minha mente explodiram.

—Se Cammie vai ficar naquele quarto todo o dia, que será feito das horas que passamos juntas diariamente durante os últimos dois meses? Talvez eu esteja demasiado envolvida emocionalmente para ser objetiva, mas parece-me que aquelas horas são importantes para Cammie e para as mudanças que estão ocorrendo nela.

O Dr. Meyerson hesitou um pouco, depois respondeu cuidadosamente.

—Sim—disse—agora que Cammie será tratada como uma paciente durante o dia, você não poderá passar

aquelas horas com ela. A natureza da experiência exige isso.

Disse-me que tinha estado pensando em aconselhar-me a encontrar outra criança para cuidar durante as duas semanas finais do meu contrato, antes da minha partida. Sugeriu que eu fôsse aos dormitórios e procurasse algum pequeno problema que eu pudesse tentar modificar com os conhecimentos recém-adquiridos.

Primeiramente pensei que fôsse uma piada de extremo mau gosto.

—Eu não poderia ao menos ficar com Cammie umas duas horas pela manhã, antes da experiência, e outras duas no fim do dia?—supliquei.

—Receio que isso não seja possível—respondeu êle. E depois acrescentou:—Também não acho que seria boa idéia você voltar aqui à noite ou nos fins-de-semana.

Notando a expressão de dor em meu rosto, êle explicou por que tinha de ser assim. O govêrno lhe dera uma grande soma de dinheiro para realizar pesquisas no campo da psicologia behaviorista. Sua obrigação era descobrir práticas que tivessem aplicação geral, e por essa razão êle precisava criar uma situação rigorosamente controlada. Explicou-me que era parte de seu dever escrever um trabalho sôbre as experiências realizadas com Cammie e que tinha de poder descrever como os resultados foram obtidos, a fim de que outros pudessem repetir o processo.

Evidentemente, êle não poderia atribuir as mudanças conseguidas à interação ocorrida entre mim e Cam-

mie, pois isso dificilmente poderia ser repetido. Êle tinha de poder indicar exatamente o que a “curara” e isso tinha de ser um procedimento científico, ou êle não estaria cumprindo com seu compromisso. Portanto, era tempo de eu sair da situação. Eu já tornara o quadro irremediavelmente nebuloso com um milhão de elementos indefinidos; doravante êle tinha de manter um contrôle estritamente regulado.

Aquela noite foi uma das mais infelizes de tôda minha vida. Fiquei no meu quarto, tentando compreender e aceitar o que o Dr. Meyerson dissera. Teòricamente eu compreendia que êle achasse pouco ético usar o dinheiro do govêrno para reabilitar uma criança em vez de usá-lo para pesquisas de maneira a ajudar milhares de outras. Mas quando eu pensava em Cammie em particular, Cammie que era real e viva e que me era tão cara, a teoria não importava. Só importava que ela ficasse boa.

Naquela noite odiei o Dr. Meyerson. Achei que êle estava tão egoisticamente enredado em seu trabalho que, a não ser que a psicologia behaviorista fôsse responsável por tudo que acontecesse, êle nem *desejaria* que Cammie ficasse boa. E no dia seguinte eu disse essas coisas a êle.

—Que é mais importante, afinal de contas?—perguntei-lhe.—É o seu trabalho escrito e o seu contrôle e as suas malditas variáveis ou a combinação de todos os esforços para dar a Cammie a oportunidade de viver?

Percebi pelo seu rosto que êle

adorou minha pergunta e minha mocidade, e falou com pesar quando respondeu.

—Seu compromisso é para com Cammie—disse.—Mas o meu é para com a ciência; tem de ser.

Faltavam apenas duas semanas para eu ir juntar-me à minha família para o resto do verão. Durante aqueles dias chegamos a um acôrdo. Eu ficaria ao lado do quarto acolchoado enquanto Cammie estivesse lá dentro, e ela sairia para junto de mim quando não se batesse. Eu poderia passar duas horas por dia com ela se me compromettesse a não adotar qualquer “procedimento modificador”. Tive de voltar a alimentá-la e segurar suas mãos todo o tempo. Suponho que o Dr. Meyerson estava apenas deixando que eu satisfizesse meu desejo. Mas por outro lado, no momento em que Cammie saía do quarto acolchoado, minha presença

era mais importante do que nunca.

Quando eu parti, duas semanas depois, as sessões no quarto acolchoado estavam começando a dar resultado. O tempo necessário para Cammie ser retirada tinha sido encurtado para 30 segundos sem atividades de autodestruição e êsse objetivo já era habitualmente atingido em uma hora. A curva do gráfico tornava-se cada vez mais plana e na época de minha partida as reações de Cammie e sua confiança haviam-se ampliado, incluindo outras pessoas. O Dr. Meyerson, que tão recentemente se me afigurara um vilão, era a quem Cammie realmente se devotara.

Compreendi quanto era importante que Cammie se tornasse menos dependente de mim, especialmente agora que eu estava prestes a partir, e trabalhei para me certificar de que ela fizesse a transferência antes de minha partida. Mas, uma vez mais,

misturadas com meu conhecimento intelectual do que tinha de ser feito, minhas emoções produziram outra reação. Por mais que eu desejasse que ela aceitasse outras pessoas, quando via isso acontecendo ficava dolorosamente enciumada. Tinha sido bom ser necessária por algum tempo.

### Fim de um Verão

PASSEI a última semana de agosto em férias com a minha família.



Foi divertido, mas eu estava ansiosa para voltar ao Arizona e verificar como Cammie se estava portando. Não havia nem uma hora que regressáramos a casa quando eu já estava a caminho da escola.

Era noite quando cheguei, e a equipe da pesquisa não estava. Fui procurar Cammie em sua cama e notei imediatamente que as equimoses tinham quase desaparecido e que seus cabelos dourados afinal começavam a crescer realmente. Descobri também mais tarde que as várias alergias que a afligiam se haviam tornado coisa do passado. Era maravilhoso estar outra vez com ela e eu a abracei com grande felicidade—mas não era a mesma coisa. Eu ainda tinha grande necessidade dela e ela se *tinha* tornado independente de mim. Isso me entristeceu, mas tinha de ser assim. Cammie estava livre para melhorar, e eu sabia que isso ocorreria.

Na véspera de minha viagem de volta à universidade, fui almoçar com todo o pessoal da equipe da pesquisa. Olhando em volta da mesa, compreendi que tôdas aquelas pessoas se tinham tornado muito queridas para mim e que eu jamais poderia medir o que tinha aprendido com elas. Sabia que a experiência tinha modificado a minha vida. Para mim será sempre um mistério o que originou a enfermidade de Cammie. Mas agora estou convencida de que

o Dr. Meyerson estava certo, não só no interêsse da ciência, mas também no interêsse de Cammie.

Depois do almoço a equipe zombou da maneira pela qual eu havia transformado o seu mundo organizado num caos e um dos rapazes disse que êles sentiriam minha falta, embora eu tivesse cometido o pecado imperdoável de me apaixonar pela minha paciente. No dia seguinte, no avião que me levaria de volta à universidade, eu refleti sôbre suas palavras. De uma coisa estou certa: se foi um êrro ter-me afeiçoado àquela garotinha de olhos verdes, nunca me arrependerei. O amor surgiu—e não é êle que move tôdas as coisas?

UM ANO e meio se passou desde que vi Cammie pela primeira vez. Hoje ela não tem equimoses no corpo. Tem uma cabeleira dourada e cheia e seus olhos verdes não têm medo de encarar o mundo. Ela já não usa capacete nem máscara protetores, nem passa seus dias numa camisa-de-fôrça. Também já aprendeu a andar e a comer sem ajuda.

E o mais maravilhoso de tudo é que Cammie começou a falar. Em minha última visita, quando passeávamos juntas, ela parou súbitamente e disse:

—Água. Dê-me um pouco de água.

Para mim aquelas palavras foram mais belas que um poema.

(Tradução de Carlos Peixoto de Castro)

